

JORNAL DO BRASIL, 25/10/2008

**Depoimentos devem remeter sangue a júri por homicídio com agravante**

**Da Redação**

A Justiça começou a ouvir ontem as testemunhas do processo que apura a morte do diretor do Centro de Ensino Fundamental nº 4, no Lago Oeste, professor Carlos Ramos Mota, 44 anos. Ele foi assassinado em 20 de junho, na garagem de casa, após receber ameaças de traficantes que atuavam na porta da escola que dirigia. A audiência de instrução, primeiro passo para o julgamento, servirá para que o Tribunal do Júri de Sobradinho decida se o caso será julgado pelo Júri Popular.

Os ex-alunos do centro de ensino Carlos Lima do Nascimento e Benedito Alexandre do Nascimento, Alessandro José de Sousa e o traficante Gilson de Oliveira são acusados de tramar a morte do professor por vingança. Segundo as investigações que levaram aos suspeitos, o grupo não teria gostado da atuação do diretor no combate ao tráfico de drogas nas imediações e dentro da escola.

Seriam ouvidas 22 testemunhas arroladas pela defesa e a acusação, entre colegas de trabalho do professor, funcionários da escola, pessoas que tiveram com os réus na noite do crime e os próprios acusados. Mas o magistrado dispensou sete das testemunhas. Até as 18h, apenas sete dos 15 depoimentos previstos haviam sido ouvidos pelo juiz Daniel Mesquita Guerra, do Tribunal do Júri de Sobradinho.

### **Crime tramado na mesa do bar**

O assistente da acusação, Sérgio Viana, pretende provar com o depoimento das testemunhas que o diretor foi assassinado porque impediu os traficantes de entrar na escola e se empenhou em combater a venda de entorpecentes nas imediações do centro de ensino, onde cerca de mil alunos estudam.

- A escola era para Gilson um local promissor para a venda de entorpecentes - defendeu o advogado.

A primeira pessoa a ser ouvida ontem foi a filha do dono do bar onde os acusados teriam planejado o crime. A moça começou a depor por volta das 9h,

e reconheceu os quatro acusados.

Outra testemunha ouvida pela manhã confirmou que o professor estava empenhado em impedir o tráfico na escola. Ele teria inclusive convocado uma reunião escolar para tratar das ameaças feitas a alunos pelo traficante Gilson de Oliveira, apontado como o responsável pelo fornecimento de drogas no colégio. Depois da reunião, o professor teria ido às salas de aula e orientado os alunos a chamar a polícia ao serem abordados traficantes.

### **Maratona de depoimentos**

Caso não fosse possível ouvir todas as testemunhas até o fim da audiência, prevista para terminar às 20h de ontem, o juiz Mesquita Guerra estabeleceu o prazo de 31 de outubro para ouvir o restante das testemunhas e também os réus. Após serem ouvidas todas as testemunhas e os acusados, o juiz dará prazo de dez dias para que os advogados e o Ministério Público se manifestem.

Só então o juiz irá se pronunciar sobre o caso, podendo encaminhá-lo para o Júri Popular – formado por jurados leigos – ou para uma vara criminal. Os réus ainda podem ser absolvidos, caso o juiz entenda não haver provas o suficiente para incriminá-los.

O professor Carlos Ramos Mota foi morto em uma emboscada armada pelos acusados na madrugada de 20 de junho deste ano. Por volta das 4h, o professor ouviu barulho no quintal de casa. Ele se levantou para verificar o que estava acontecendo. Ao chegar na garagem, o diretor foi surpreendido com um tiro fatal no peito. Os assassinos fugiram em seguida, deixando o professor caído no chão.

O tiro foi dado próximo ao coração do professor, que não resistiu aos ferimentos e morreu em seguida. Quinze dias depois, a polícia conseguiu desvendar o assassinato do professor. O carro usado pelos bandidos foi apreendido e os suspeitos de ter assassinado o diretor foram presos. Tudo indica que serão condenados.

### **Visão idealista**

Casado e pai de três filhos, o educador Carlos Mota era tido como idealista. Em seis meses à frente do Centro de Ensino Fundamental do Lago Oeste, a única escola do núcleo rural, conseguiu transformar o espaço. Implantou o ensino

integral na unidade, e tocou projetos como a horta comunitária e laboratórios de informática e leitura.

Ele transformou a escola em um lugar mais asseado, com água filtrada, jardins e alunos mais dispostos para o processo de aprendizagem, que procurava fazer da escola um espaço não apenas de estudo mas também de interação da comunidade.